

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura  
27 a 29 de maio de 2009  
Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

## O EU E O OUTRO NAS OBRAS DE HANSEN E DAMÁRIO

Elton Vitor Coutinho da Silva dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

Essa pesquisa faz parte do projeto *A construção social do corpo no Recôncavo Baiano* e dá continuidade ao artigo, de mesma autoria, *As mulheres de Hansen e Damário – representação do corpo feminino na xilogravura e na fotografia*. Para propor um estudo comparativo sobre a sexualidade do corpo feminino na obra de Hansen Bahia e Damário Dacruz, além da relação do Eu e do Outro, apresenta-se, neste artigo, a Miss Copacabana – xilogravura do artista Hansen composta do álbum “Sex For Everyone Every Day By” – e a imagem Lésbios 2 do ensaio “Água Benta de Lésbios”, do fotógrafo Damário Dacruz.

Palavras-chave: corpo – sexualidade – xilogravura – fotografia – recôncavo baiano

### Introdução

O corpo na contemporaneidade tem se constituído como um campo amplo de investigação. Os estudos e pesquisas demonstram a complexidade das abordagens e, sobretudo, de sua significação. Primeiro por não imaginarmos o nosso próprio corpo como objeto. Segundo, quando cremos ser o sujeito do nosso próprio corpo. Não se trata da antítese sujeito-objeto, e sim sobre a dúvida se nosso corpo realmente nos pertence, o que ele nos representa e como ele é representado para o outro.

No artigo anterior, na análise comparativa da “Miss Jardim de Alá” e Lésbios 1, no que também concerne a sexualidade, foi citada a seguinte indagação de Henri-Pierre Jeudy: “Se o corpo é sempre ao mesmo tempo sujeito e objeto, que condições tenho de decidir voluntariamente para que ele possa ser apenas objeto?” (JEUDY, 2002, p. 20). Sendo assim, o corpo pode ser considerado como objeto de arte sem a menor intenção ou pretensão de ser vista como tal.

Por outro lado, se uma obra de arte só é considerada obra de arte quando concluída e não mais alterada (tratando-a no sentido tradicional), o corpo, por estar em

---

<sup>1</sup> Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pesquisador do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Arte e Patrimônio e bolsista do Programa MEC/SESU. elton\_vitor@hotmail.com

constante modificação, seria tudo, menos um objeto de arte. É por isso que considerar o corpo dessa maneira é um trabalho árduo.

A *Miss Copacabana*, descrito nesse artigo, representa o mês de fevereiro do calendário “Sex For Everyone Every Day By” (Sexo toda hora para todos) do xilógrafo Hansen Bahia<sup>2</sup>. O álbum contém doze xilogravuras que concebe o corpo da mulher quanto profissional do sexo. Já em *Lésbicos 2*, do ensaio “Água Benta de lésbicos”, de Damário Dacruz<sup>3</sup>, duas mulheres interpretam lésbicas na Cachoeira do Rio Açu, na cidade da Cachoeira. Ambas as análises retratam o que se pretende ofertar nesse artigo: a relação do EU e do OUTRO. Além de trazer como ponto de discussão novamente a sexualidade e o preconceito que as prostitutas e as lésbicas sofrem por suas opções para se firmarem como indivíduo na sociedade.

O papel da cultura e a sua diversidade são decisivos para entender as questões aqui referenciadas. O cantor e compositor Gilberto Gil – na época Ministro da Cultura – conceituou cultura como liberdade, ruptura e inovação, mas também como regulação e tradição, em que, a questão da diversidade, está muito além dos limites dos detentores do saber universitário, mas também imbuídos numa sabedoria natural, do povo, do “leigo”. Afinal, o que definiria as múltiplas culturas num vão complexo e sistemático da diversidade? Para o sociólogo belgo Armand Mattelart, em sua obra *Diversidade Cultural e Mundialização*, seria a multiplicidade de meios às várias culturas dos grupos sociais e das sociedades encontradas na própria expressão.

“Pensa-se, frequentemente, que nas outras culturas as maneiras de tratar o corpo correspondem a representações primitivas que estariam ainda presentes em nosso inconsciente. Ali, ainda, um semelhante clichê permite conservar a crença na capacidade de autodesvelamento do corpo, que, apesar das construções mentais próprias de nossa cultura, continua capaz de redescobrir os mais diversos e os mais universais aspectos de todas as culturas” (JEUDY, 2002, p. 81)

---

<sup>2</sup> Karl Hein Hansen nasceu na Alemanha em 1915. Seus primeiros trabalhos surgiram na década de 40. Em 1955 mudou para a Bahia e lá transforma seu nome para Hansen Bahia. Seu acervo tem mais de 4000 obras em papel e 260 matrizes de xilogravuras. O corpo foi o seu grande tema e a xilogravura seu modo preferido de expressar a modernidade. Hansen, durante esses anos em que viveu no Brasil, em especial na Bahia, gravou, em seu estilo expressionista, homens, mulheres e crianças em diversos temas, dentre eles, a prostituição.

<sup>3</sup> É Jornalista, pós-graduado em Comunicação e Mercado e especialista em Marketing. Nasceu na Bahia em 27 de junho de 1951. Além de fotógrafo ele também é poeta. Suas fotografias expressam o que ele é e o que sente. Apesar de ter nascido em Salvador recebeu, em 2005, o título de cidadão cachoeirano.

Segundo Jeudy, o princípio universal de um reconhecimento de “todas” as culturas se sustenta na referência à soberania do corpo. Portanto, se existe cultura, é o corpo que o revela. Já que não existem provas e nem razões para que o corpo do outro não possa ser expresso, nem consagrado como superior ou inferior (não como meio esteticamente mediatizado), “o corpo do Outro não pode ser a causa da agressividade”, já que todas as culturas são aceitáveis.

“Os xinguanos propriamente ditos (...) desprezam toda a reserva de proteínas existentes nos grandes mamíferos, cuja caça lhe é interdita por motivos culturais, e se dedicam mais intensamente à pesca e caça de aves. Os Kayabi, que habitam o Norte do Parque, são excelentes caçadores e preferem justamente os mamíferos de grande porte, como a anta, o veado, o caïtutu etc.” (LARAIA, 1993, p. 24)

Com essa citação, o antropólogo Roque Laraia nos traz a confirmação de que aceitar o outro é também saber olhar suas manifestações culturais por meio da corporeidade e, acima de tudo, da diversidade. Nenhuma cultura é superior ou inferior a qualquer outra. Todas as culturas são formas puras de encarar o mundo e de viver de acordo com uma tradição que dá sentido ao mundo. Dessa forma, não se pode afirmar que a população do Norte é mais inteligente do que a dos negros, por exemplo, como muitos ainda acreditam. Uma vez que é a diversidade cultural que impera e não seus determinismos, tanto biológico quanto geográfico. “O corpo do outro é um produto cultural, do mesmo modo que um objeto qualquer”. (JEUDY, 2002, p. 76)

### **“Miss Copacabana” e Lésbios 1 – os dois S feminino**

Antes mesmo de descrever a xilogravura e a fotografia abaixo, explica-se o porquê do título “os dois S feminino”. Trata-se aqui um dos “S” como Sexualidade e o outro como Supremo. Isto é, retrata-se nessa fase que o poder feminino é composto por dois vãos claros e objetivos. E não necessariamente apenas a mulher enquanto objeto de arte, mas sim toda e qualquer mulher que tem em mãos (ou no corpo) o poder da sedução e da supremacia.

Até o século XVIII, a visão hierárquica dos gêneros predominava. Homens eram considerados superiores em relação às mulheres. Mas, ainda sim, a mulher tinha o seu privilégio como parte indispensável no prazer sexual, em especial, no que condiz a reprodução humana. A definição da sexualidade feminina tomou vários rumos no

decorrer dos séculos, mas, apesar de mínima, a visão machista persiste no que se enquadra a sexualidade e a supremacia da mulher.

No centro das duas principais preocupações (a subjetividade e a sociedade) sobre a sexualidade, encontra-se o corpo. Já que a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo físico ou biológico.

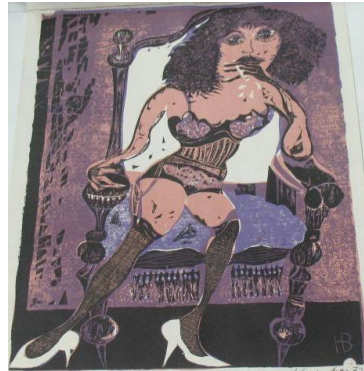


Fig. 01 - Miss Copacabana. Impressão a cores. 37,5 x 47,5. 1973

O filme *Garotas de Programa*, da diretora María Lidón, de origem espanhola e gênero erótico, retrata a história de uma jovem que resolve escrever seu mais novo livro sobre a prostituição baseado no depoimento de várias garotas de programa, gigolôs e clientes. A história chama atenção pelo seguinte fato: uma das garotas entrevistada fala das qualidades de uma prostituta. Dessas qualidades, resgata-se a relação do eu e do outro. A preocupação com o seu eu, segundo a prostituta, é cuidar bem do corpo e ser bonita. Já com o outro é falar várias línguas e conhecer a psicologia dos homens. Tudo para saber se postar frente ao outro que, nesse caso, é seu cliente. E, é a partir daí, que a supremacia feminina impera chegando ao ápice da sedução.

Trocam-se agora os papéis. O Eu é o cliente e o Outro é a prostituta. A imagem do corpo permanece determinante. Antes de qualquer ato, de qualquer tato ou até mesmo após o primeiro olhar, o corpo não é desvendado. Pois, apenas nas relações amorosas mais íntimas, no caso o corpo feminino (da prostituta), revela-se, sem os recursos moralistas, todo o prazer dominante que o corpo, por si só, não produziria. Portanto, a hegemonia feminina não seria jamais uma “autarquia”, ela só (pré) existe frente ao outro. É válido ressaltar que o artigo apresenta o corpo como objeto de arte, sem contar com a grande discussão que se tem sobre o tema.

“A experiência estética da relação com o corpo do outro me conduz ora a experimentar uma experiência irredutível, ora a sentir minha própria duplicação, que parece publicamente obscena. É o contrário de qualquer perspectiva ética. Mas a maneira de aprender a conhecer-se – conhecer o próprio corpo e o do Outro – não escapam dessa esfera moral na qual a radicalidade da experiência estética está destinada a desaparecer em favor de uma troca racional das representações culturais.” (JEUDY, 2002, p. 105)

A Miss Copacabana ou Madite é a moderna concepção de uma profissional do sexo. A performance sexual dessas mulheres é a consequência de um jogo de sedução profundo que já começa com seus trajes íntimos – nesse caso, a lingerie preta com detalhes rosa. Suas meias de cano longo dão um detalhe a mais ao seu sapato de bico fino e salto alto que, em conjunto, tem um “Q” de erotismo. Suas pernas grossas ficam bem desenhadas na sobra das meias que dão contorno à altura da cintura em paralelo aos quadris. A cadeira, que mais parece um trono de rainha, já traz consigo a idéia de poder. E, o cigarro, segurado pelos longos dedos e saindo ligeiramente da boca, a idéia de independência e liberdade.

Ainda percebe-se o seu olhar longínquo quase escondido pelo seu cabelo black. Seus cílios postiços sobressaem em seu rosto arredondado, e seus lábios carnudos, em sua pele clara. A superioridade feminina que diz: “aqui você paga, mas eu quem mando”, não é típico de uma proeminência sadomasoquista, em que a mulher toma o controle total da situação e faz do seu parceiro, “escravo”. Mas sim, a evidência de doar o seu corpo quanto objeto estético, a fim de ser apreciado, idolatrado e amado.

Por se tratar de uma xilogravura<sup>4</sup>, observe que Hansen entalha o corpo da prostituta de uma forma distorcida. Não é proposital. A questão é que as matrizes xilográficas são enquadradas nos ramos das técnicas de impressão em relevo. Mas isso não interfere na obra estimulante do artista, já que a gravação da madeira é também um ato de criação.

É ideal não confundir sensualidade com obscenidade. Segundo Jeudy, é obsceno o corpo que tornar-se o próprio espectador de sua manifestação e esgotar seu poder como referencial da própria representação. Não se duvida que a obscenidade reafirme a soberania da beleza, entretanto esse estágio só é atingido quando a obscenidade for autônoma e intransponível. No auge do prazer amoroso, é o corpo o principal sujeito (por que não objeto?) do jogo entre o idêntico e o diferente. Ou seja, “é o corpo ‘próprio’ que se torna expressão da obscenidade” (JEUDY, 2002, p. 127).



Fig 02. Lésbios 2

---

<sup>4</sup> Para a produção de uma matriz xilográfica toma-se um pedaço de madeira adequadamente escolhida e preparada e, obedecidas a certas condutas, entalha-se nele um desenho ou texto. Depois, entinta-se essa matriz que, em seguida, é prensada sobre uma folha de papel, originando uma gravura. Essa gravura, assim obtida, chama-se Xilogravura. (COSTELLA, 1986, p. 9-10)

“As imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo.(...) O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captada por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem” (FLUSSER, 1997, p. 27)

Como explicita o filósofo Vilém Flusser, as imagens pretendem representar algo, mesmo que essa representação seja vista em um primeiro olhar. Mas, para analisar a fig.02 acima, um olhar apenas não foi possível para que ela (a imagem) dissesse tudo o que se pretende saber. Portanto, para aprofundar o significado, “vagueei pela superfície” como um traçado do *scanning*, isto é, que segue a estrutura mais profunda da imagem, dando novos valores a elementos já vistos.

Aline e Alice (nomes fictícios) são as modelos da fotografia. Pousaram nuas para o artista, mas esconderam para o mundo suas identidades. Não se pode dizer que esconderam seu corpo. Pois, utilizando a Teoria da Gestalt, considera-se aqui o corpo, a priori, como partes para depois corresponder o todo, já que, certas partes, foram reveladas. Alice, por exemplo, exhibe sua tatuagem (desenho de uma flor). Tendo em vista que a tatuagem se apresenta como um registro pessoal sobre o corpo e, ao mesmo tempo, um registro público quando desvendada, elas (Alice e a tatuagem) traduzem uma expressão coletiva e individual. Esse é o poder da pele sobre o corpo de patentear um registro de identidade e de pertença.

É válido frisar que a marca de uma tatuagem serve como sedução. Acredita-se que nenhuma pessoa coloque na superfície de seu corpo algum registro que, para ela, mesmo minimamente, seja isento de significado. Esse significado, muitas vezes, serve para seduzir ou se sentir seduzido. Essa é, portanto, mais uma forma de afirmar a presença do Eu e do Outro num só corpo.

“A escrita do corpo simboliza a passagem da natureza à cultura, mas oferece também a prova do enraizamento da cultura na natureza. Podemos emprestar às diferentes marcações do corpo um sentido determinante, revelando como sinais requeridos correspondem a códigos, e essa interpretação retrospectiva responde a projeções semânticas que vêm legitimar, por distinção e por comparação, as práticas contemporâneas do uso artístico do corpo” (JEUDY, 2002, p. 93).

Na imagem ainda percebe-se os braços de Alice segurando a cintura de Aline. Sinaliza medo e proteção. A curvatura dos ombros ainda reforça a idéia da insegurança pedindo amparo pela água gelada que escorre fortemente pelas pedras e pelos seus corpos. Muito lembra o carinho de uma mãe a proteger seu filho.

O desejo sexual não determina gostos, nem caráter. Dessa maneira, se você “vende” seu corpo ou doa à pessoa do mesmo sexo, isso não é sinônimo de insanidade como se pensava antigamente. Na capa do DVD *Garotas de Programa*, filme mencionado anteriormente, tem a seguinte frase: “esta é uma profissão como outra qualquer”. E no livro, *Como o mundo virou gay?*, do Jornalista André Fischer<sup>5</sup>, sobre a nova ordem sexual, ele introduz dizendo: “Desde a Antiguidade, com honrosas exceções, homossexuais nunca tiveram vida fácil”. Dessa maneira, tanto a primeira frase quanto a segunda serve para clarear a mente e reforçar a idéia de que nem a mais antiga profissão do mundo e nem a opção sexual de qualquer pessoa deve servir como forma de preconceito alheio. Pois, como relata Judy, o corpo é mais essencial do que todos os fenômenos de consciência para a sobrevivência da humanidade.

Sendo assim, mesmo que haja a preocupação com o Outro, tenha-se em mente que o corpo é seu. Portanto, faça dele o que bem entender em nome da arte, do prazer estético e do poder sexual, pois o corpo é o sujeito e o objeto da cultura e modificado pela cultura. “Trocar de corpo sem cessar, de acordo com as circunstâncias, com quem troca de site, de roupa, de shampoo. Evitar que o corpo seja um obstáculo para poder entrar em todos os lugares, passar por todos os tempos, navegar em meio a diferentes culturas” (SANT’ANNA, 2001, p. 25)

## **Conclusão**

No artigo anterior, *As mulheres de Hansen e Damário – representação do corpo feminino na xilogravura e na fotografia*, a questão do Eu e do Outro foi mostrada através da relação artista-modelo, sujeito-objeto e vice-versa. Ou seja, mostrou-se que, quando um artista registra (seja na fotografia ou na xilogravura) o corpo de uma mulher, significa, desde já, o seu reconhecimento (o EU) frente ao OUTRO.

Já neste artigo, a retratação do Eu e do Outro se dá por diferente ângulo. É o Eu e o Outro num só corpo. Isto é, a representação da prostituta (o Eu), na xilogravura, se faz confundir com o Outro – que é o seu próprio eu na figura do seu cliente (seu espelho na performance sexual). Da mesma forma que as lésbicas, no ensaio fotográfico, fazem do corpo duplo (de Aline e Alice), um único corpo, já que, para elas, a imagem de um corpo (o Eu) é o reflexo do Outro.

---

<sup>5</sup> FISCHER, André. *Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual*. São Paulo: Ediouro, 2008.

Tão importante quanto à questão do Eu e do Outro, é a sexualidade. Esta também nos traz sobre a verdade da nossa cultura. Cada cultura promove valores que sustentam valores culturais. Isto é, todas as culturas promovem modificações culturais. E a sexualidade está inserida nessas modificações vistas desde o século XIX. Partindo para o século XX, nos anos 40, a relação da sexualidade estava intimamente ligada ao planejamento familiar. Nos anos 50, havia uma procura pelos “degenerados” sexuais. Nos anos 60, um novo liberalismo se instalava – pôr uma configuração mais eficaz de regulação social – para que nas décadas 70 e 80 começasse uma verdadeira reação política, isso graças à militância feminista e homossexual. Segundo Jeffrey Weeks, em o *Corpo Educado*, a “liberação sexual” oferecia a possibilidade de provocar uma ordem opressiva e foi um elemento decisivo para a luta pela transformação social.

### **Referências**

COSTELLA, Antonio. **Xilogravura – manual prático**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1986.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia – Para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Mediações, 1997.

GAIARSA, José A. **O que é o corpo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Marcas do corpo, marcas de poder**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 75 a 90.

\_\_\_\_\_ (org.) **O corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. Parábola editorial. São Paulo, 2005.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.